

MEMÓRIA, COMUNICAÇÃO E CULTURA¹

MEMORY, COMMUNICATION AND CULTUR

Diogo Andrade Bornhausen²

Resumo

Esta pesquisa tem o propósito de mapear as principais significações tidas sobre memória na história da cultura e como estes significados atuam sobre a comunicação. Para tanto, evidencia a importância que a memória possui em ser instrumento de conservação passível de resgate, observando suas assimilações culturais para percebê-la como objeto idealizado. Em vista disso, fundamenta-se teoricamente nos conceitos enunciados pela Teoria da Mídia – alemã e brasileira –, com destaque para as reflexões de Norval Baitello Jr. acerca dos “ambientes da comunicação” e de Vilém Flusser, quando alia a comunicação com as “ideologias da memória” e avalia a “des-ideologização” promovida pelos meios.

Palavras-chave:

Memória. Cultura. Comunicação.

Abstract

This research aims to map the main meanings taken on memory in the history of culture and how these meanings act on communication. In order to do so, it shows the importance that memory has in being a conservation instrument that can be rescued, observing its cultural assimilations to perceive it as an idealized object. In view of this, it is based theoretically on the concepts enunciated by the Media Theory - German and Brazilian -, highlighting the reflections of Norval Baitello Jr. on the "communication environments" and Vilém Flusser, when he combines communication with the "ideologies of memory" and evaluates the "de-ideologization" promoted by the media.

Key words:

Memory. Culture. Communication.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Memória e Vínculos Comunicativos, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Diretor de Pesquisas do Arquivo Vilém Flusser São Paulo, Pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia - CISC, Professor na Faculdade de Comunicação e Marketing da Fundação Armando Alvares Penteado/SP. E-mail: diogobornhausen@gmail.com

O uso que se faz da memória, neste ou aquele contexto social ou tecnológico, o gênero de funcionamento que neste caso o caracteriza, a ideia que disso formam os indivíduos, determinam em grande parte o tipo de cultura em questão.

Paul Zumthor

Somos cultivadores de memórias. Por meio delas, mantemos nosso passado apreendido e resguardado. Educamo-nos e amadurecemos com suas lições, que não cessam em vir à tona. Servem-nos ao futuro, ao devir que se espelha em seus próprios vestígios. Entre a intangibilidade destes tempos, de suas rarefações, à memória o encargo central da permanência das experiências que mantemos e criamos. Por tal razão, como atesta Paul Zumthor (1997), compreendê-las por suas representações faz aproximarmo-nos dos caminhos que tomamos para conservar, resgatar e empregar sentidos sobre a realidade, tornando-se, por isso, determinantes para compreender nossas culturas. Em oscilação entre a permanência e a rarefação, naturalmente, a participação da memória na cultura mostrou-se de diferentes modos no trajeto de aquisição dos conhecimentos.

Procurando delimitar o que se acredita serem os principais momentos, será possível observar uma vasta literatura que entende a memória de diferentes maneiras, mas fundamentalmente aliada ao *sagrado*, ao *social*, ao *corpo* e ao *arquivo*. A principal intenção desse percurso é defender que esses momentos tiveram ideais específicos e, por isso, trouxeram aos sistemas culturais peculiaridades no modo como se desenvolveram os “modelos de pensamento”, como sugere Vilém Flusser (2014). Para o autor, a verificação dessas realidades destacam a participação da memória como elemento intrínseco para o que entende como comunicação e, por isso, envolvida com motivações mais profundas, ligadas à busca pela *dignidade humana* em *in-formar* seu mundo e alcançar a almejada *imortalidade*.

Por deter uma participação eminentemente *simbólica* na cultura, acredita-se que as assimilações tidas sobre memória não se constituíram em momentos estanques, mas que em sua dinamicidade demonstraram haver um movimento de *desencantamento* de suas qualidades (Contrera, 2010). Partindo de uma força sobre-humana sagrada até sua apropriação arquivística, a memória foi gradativamente racionalizada, controlada e ideologizada pelas sociedades que lhe trouxeram sentidos. O ápice desse processo, como poderá se observar ao

final desta reflexão, é simultâneo ao desenvolvimento das mediações tecnológicas que marcam esta época.

Primeiras preocupações

Designada *lato sensu* como “a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos” (Houaiss, 2009), a conceituação de memória, para além de uma conclusão, problematiza duas capacidades do homem: a retenção e o resgate de conteúdos. Duas categorias que abrem campo para pensar o modo como esse buscou controlar, conquistar, recriar e unificar seu passado individual e coletivo e que deram estofamento analítico para diversas áreas do saber. A incluir os variados usos científicos do conceito – que em sua diversidade partem desde significações macroscópicas à subjetivação completa dos sistemas mnemônicos –, soma-se ainda a larga difusão do senso comum, que faz aumentar sua pluralidade ao lhe conferir participação no âmbito cotidiano produzido individualmente ou socialmente. Com isso, seu uso, por vezes abusivo, faz crer que tudo é memória, o que mais impossibilita do que facilita qualquer aproximação reflexiva.

Por essa razão, de antemão, não se procurará considerá-la como instância unívoca do humano, mas, ao contrário, como um permanente desafio conceitual, um objeto marcado por uma profunda mobilidade epistemológica que solicita um olhar que o considere um problema, como um terreno movediço onde o homem sempre buscou se fincar. Propondo-se não enredar nas concepções extremas e nem se invalidar na generalização, o presente texto opta a pensar a memória por meio de seus conflitos e de sua interdisciplinaridade conceitual. Para isso a considera como ponto nodal do intelecto humano, levando em conta suas funções neurológicas e psicológicas, mas entendendo-o também como produtor de representações culturais, que procuraram apreender a memória como campo complexo e tensionado por disputas de sentidos.

As análises se valerão dessas tensões e distensões para verificar o modo como a memória foi compreendida ideologicamente, sob variados regimes histórico-sociais, na tentativa de responder como o homem recorre a ela para agir sobre seu presente e projetá-la em função do futuro. Não se busca, com isso, traçar um amplo panorama histórico do pensamento mnemônico, já trabalhado profundamente por uma vasta literatura, mas sim nela

se guiará tão somente para observar os entrecruzamentos e os interstícios dos diferentes campos do saber que observaram esse fenômeno. Essa intenção visa a pensar como se preservam, transmutam e atualizam essas significações, principalmente quando observadas como alvo predominante nas reflexões da Comunicação.

A Memória e o Sagrado

*Somente serás capaz de entender a essência das coisas,
se tu conheceres sua origem e sua evolução.*

Heráclito

Compreender um saber originário, como indicado por Heráclito, constitui-se um dos principais anseios que o homem possui. Criar narrativas e especulações acerca de um conhecimento sagrado estão entre as práticas mais arcaicas da história humana, como lembram Gian Paolo Caprettini e Guido Ferraro (1987), ao analisarem a aparição dos mitos fundadores e as qualidades que possuíram nas diferentes culturas. Como os autores demonstram por meio de sua etimologia, o “mito” deriva dos verbos *mytheyo* e *mytheo*, em que o primeiro significa narrar, contar, e o segundo, conversar, designar. Sentidos estes que lhes revestem com capacidades de religação do homem com seu passado e que esclarecem ser a memória um de seus pontos fundantes.

Por essa razão, a memória foi tida em variadas mitologias como importante entidade cosmogônica. Como aprofundado por Mircea Eliade (2013), suas múltiplas personificações³ denotam que o tempo passado, sua compreensão, apreensão e resgate sempre foram preocupações permanentes de quem a elas recorria. Como ressalta o autor, *Mnemosyne*, a deusa da memória grega, se instituiu como a principal referência ao universo mítico ocidental. A memória personificada, teve esse nome em função do verbo *mimnésken*, “fazer-se lembrar, fazer pensar, lembrar-se de” (Brandão, 2002: 213) que por sua vez derivou-se do radical indo-europeu *mna-*, pertencente à raiz *men-*, que gerou no latim *memini*, “eu me lembro”, também referido ao aoristo sânscrito *amnasishuh*, “eles mencionaram” (Commelin,

³ Mircea Eliade (2013) esclarece que além das mitologias ocidentais, a importância dada à memória manifesta-se também nas culturas orientais, como nas histórias de Matsyendranâth e Gorakhnâth, ou ainda na de Dîghanikaya, em que sua faculdade se relaciona ao despertar e à vigília para o sagrado, em contraposição ao acorrentamento mundano próprio da condição humana. Essa relação encontrada na sabedoria vislumbrada por Buda “ao dilacerar o véu de maya ou ao suprimir a ignorância, torna possível a libertação, é um despertar” (Eliade, 2013, p. 106).

2011). Sob essas significações, evidencia-se que sua função sempre esteve atrelada à retomada do passado – valorizada em uma civilização de tradição puramente oral –, mas imbuída também por um sentido de dominação e conquista do eu, do social e do tempo, como destaca Jean-Pierre Vernant (2012) ao avaliar suas propriedades psicológicas. Revestida por significados genealógicos, *Mnemosyne* se referia à oralidade manifestada por meio da poesia e dos cantos, que os poetas recorriam para revelar suas origens. Quando possuído pelas Musas, o *aedo* inspirava-se diretamente em *Mnemosyne*, entrando em contato com os segredos do passado e com os mistérios do além. Sua manifestação não resgatava o passado, como função temporal, mas a própria essência do ser. Por essa razão, a função ocupada pelo poeta não era de recordar, mas sim presentificar a origem e o saber universal, sendo por isso uma dádiva sagrada reservada a poucos homens (Vernant, 2012; Eliade, 2013).

Seu caráter transcendental do qual a mitologia grega lhe encarregou com um papel sobre-humano – podendo ser encontrada menções ao seu poder nas interpretações feitas por Platão⁴ e Aristóteles⁵ –, permitiu que a memória fosse ainda assimilada por dois outros campos fundamentais ao pensamento ocidental, o judaico e o cristão. Seja considerando a participação da memória na mística judaica, que tem nela a conservação de sua origem e a base de união de seu povo (HERSCHEL, 1995), ou nos ritos de rememoração cristãos, estendidos aos exaustivos exercícios da *ars memoriae* (YATES, 2007). A progressão desses exercícios, as mnemotécnicas, exerceram influente papel nos desdobramentos dados à memória daquele momento em diante. Isso porque seu caráter supra-individual, seja ele genealógico ou escatológico, foi suplantado pela *techné*, em que os mecanismos de apreensão das informações tornaram-se prioritários ao que antes era transcendente.

⁴ Para Platão a memória é a faculdade de acesso ao saber puro e absoluto que a alma encontrou entre as suas várias passagens terrestres e que esqueceu ao reencarnar no momento em que ingeriu a água da fonte *Lete*, por isso, ocupa lugar privilegiado na sua Teoria das Ideias.

⁵ As compreensões de Aristóteles (2012) desvinculam o ideal de memória da imortalidade ao aproximá-la de um corpo limitado e incompleto. Para ele, a fonte do conhecimento é vinculada ao sensorial, sua percepção é tratada pela imaginação, em que a memória responderia a esta imagem mental.

Memória e Sociedade

A Memória é para aqueles que esqueceram.

Plotino

De acordo com Krzysztof Pomian (1993), a gradual modificação das funções da memória se configurou principalmente em decorrência das compreensões temporais que passaram a influenciar esse período, divididas sob duas circunstâncias. De um lado, a compreensão temporal cristã, estabelecida entre o tempo cíclico de seus rituais e celebrações com sua progressiva institucionalização, que requereu a adoção da perpetuidade, vinda principalmente de sua escrita documental. De outro, a ascensão do pensamento científico, em que sob uma nova concepção do universo, da Terra e da vida desenvolve-se um outro olhar sobre o passado, uma superioridade que o observava como tempo decorrido e que mirava o futuro como período promissor.

Em relação à primeira posição, a memória se referiria a uma tradição compartilhada, em que o passado exerce influência sobre o agora ao manifestar-se em representações comuns à sociedade, como, por exemplo, em comemorações, celebrações, aniversários, devoções ao passado e demais rituais de permanência. Uma experiência (*Erfahrung*), como nomeado por Walter Benjamin (1995), que visaria à consolidação de laços afetivos comuns a esses grupos com base na troca permanente dos indivíduos deles participantes. Essa visão é consonante ao conceito de “memória coletiva”, pensado pelo sociólogo Maurice Halbwachs (1990), que vê esse fenômeno como sendo eminentemente social, produto das relações mantidas entre os homens e seu passado.

Em certo aspecto, foi sob esse sentido que o olhar científico se virou, observando a memória como fenômeno que requer a objetivação de uma perspectiva instrumentalizada, que recorra ao passado para organizá-lo e restaurá-lo, por meio de narrativas que consigam dar-lhe significado e condições de inteligência do presente. Nesse sentido, a História, como disciplina moderna, se oporá e triunfará sobre a “memória coletiva”, de acordo com Paolo Rossi (2010), ao não estar mais sujeita à instabilidade desta, mas por se instituir como “a ciência dos homens no tempo”, ao permitir conhecer “o presente pelo passado” e também “o passado pelo presente”, como apontado por Marc Bloch (2002: 33).

Isso representou em um primeiro plano uma concepção de memória institucionalizada

e monumentalizada⁶, resultante de um olhar que irá avaliá-la e interpretá-la, exercendo, como afirmado por Ricouer (2010), uma função corretiva ao representá-la criticamente a partir de um certo grau de intencionalidade ideológica e dogmática. A função do historiador foi, por isso, elementar ao modo como o passado é realocado no presente, pois será ele o personagem a legitimar o que será restaurado, dando-lhe, como afirmado por Walter Benjamin (1994), “fisionomia às datas”, ao marcar temporalmente e cronologicamente os conteúdos sociais.

Este esforço em alçar uma compreensão e um domínio sobre a memória é verificável ao menos em outras duas perspectivas que procuravam garantir a continuidade e a permanência dos saberes e das experiências sociais. Uma envolta pela variabilidade de significados pertencentes à memória individual, foco das competências científicas que a pensaram a partir de suas qualidades neurológicas, psicológicas e filosóficas, contraposta por uma com temporalidade específica, determinista e cronológica, influenciada pelo discurso social e histórico.

Memória, Corpo e Imagem

Pensar é especular com imagens.

Giordano Bruno

Walter Benjamin (1994), em seus textos *Experiência e Pobreza* e *Infância berlinense por volta de 1900*, destacou, em crítica à sociedade burguesa do final do século XIX, que a humanidade passava por um empobrecimento das experiências coletivas, derivada das perdas das referências que as norteavam. Como compensação a essa falta, o autor lança mão de um outro conceito de experiência (*Erlebnis*), ligado à vivência e à centralidade no sujeito, em como este lidaria com seu mundo a partir de suas subjetividades. Ao comentar essa ideia, Jeanne Marie Gagnebin (2009), vê que junto de um discurso social hegemônico, o qual Benjamin critica e que foi observado anteriormente em relação ao papel da memória na sociedade, este conceito de “vivência” tornou-se uma preocupação crescente do autor e de diversos estudos do início do século, que passaram a observar os valores individuais e em

⁶ Do latim *monumentum*, o termo se dirige à raiz indo-europeia *men-*, que manifesta uma das funções do espírito (*mens-*), a memória (*memini-*), que define sua atuação como instância responsável pela perpetuação das sociedades.

como o sujeito assimilaria esse cenário que lhe estava sendo imposto.

Neste sentido, mais do que um condicionante social, a memória se configura como um fenômeno aberto e em dependência ao modo como as experiências individuais são geradas e gerenciadas. Por essa razão, houve um resgate das contribuições de Aristóteles para pensar as funções mnemônicas aliadas ao corpo, como lugar incumbido de conservá-la para tão somente reinventá-la por meio de sua própria temporalidade. Com destaque para as interpretações realizadas por Sigmund Freud (1996, 1989) e Henri Bergson (2011) que, cada qual ao seu modo, se debruçaram sobre as capacidades mnêmicas dos indivíduos, pode-se observar que a especificidade de suas compreensões esteve em ver que este tipo de memória é o resultado do modo como a realidade é abstraída e articulada nas imagens que o sujeito narrativiza para si. Trata-se assim, de acordo com Lev Vigotsky (1987), de um fenômeno decorrente de um intenso exercício imaginativo de produção – e também de encobrimento – de experiências, que determinam especialmente o modo como o indivíduo apreende seu mundo.

Esta variação naturalmente não garante a conservação integral das informações, pois antes está sujeita à remodelações constantes, realizadas pelas experiências subjetivas como pelas mudanças biológicas, exemplarmente abordadas nas patologias descritas por Alexander Luria⁷ e Antonio Damásio⁸. Por esta razão, tentando garantir a perenidade das informações, um quarto enfoque sobre as possibilidades da memória foi pensado, servindo ao projeto moderno de acumulação dos saberes e procurando lhes assegurar um controle especializado.

Memória e Arquivo

*O arquivo não é apenas um lugar físico, espacial,
é também um lugar social.*

Paul Ricouer

⁷ Em um dos casos mais emblemáticos da literatura neurológica, o médico Alexander Romanovich Luria (2006), descreve o caso de seu paciente S., que possuía uma memória inesgotável e ilimitada, sendo capaz de recordar em detalhes todas as experiências que já havia tido.

⁸ Contraposta a patologia do paciente de Luria, Damásio (2000) descreve o caso do paciente David, acometido por uma encefalite grave que lhe retirou a memória, o que o fez perder o significado factual das coisas a sua volta, o que significava que sua percepção de mundo se estabelecia sem referencial com o passado.

Os “lugares da memória”, como estudado por Pierre Nora (1993), representados nos arquivos, bibliotecas, museus e patrimônios, passam a ser detentores do passado das sociedades. Ainda que permeados pelas perspectiva histórica, sua consolidação institucionaliza-se como espaço em que, a princípio, haveria imunidade às falibilidades que as outras memórias possuíam, pois, garantiria a seguridade das informações e colaboraria para sua ampliação.

Com isso, as instituições arquivísticas cumprem um importante papel no último século, ao simbolizarem a conquista de uma memória perene, de atribuírem-se com qualidades testemunhais do passado histórico e, ainda, proporcionarem a preservação e a pesquisa desses conteúdos. As ciências da Informação – área que abrange várias outras disciplinas como a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia –, se encarregará pela “produção, coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação” (Borko, 1968: 3), em oposição à História, considerada interpretativa. Essa mudança significou não somente um modo de se lidar com a informação, mas, principalmente, a compreensão de um novo conceito de memória.

Para esse campo, a memória, ao contrário das outras concepções, não se refere explicitamente ao passado, ainda que nele se baseie, mas sim a percebe como uma “informação a ser revitalizada”. O passado, desse modo, serve unicamente para ser potencializado por meio de suas variadas representações, de suas inter-relações informativas que formam um “tear informacional” integralmente disponível. A estrutura dessa memória interessa mais do que sua temporalidade, como visto por Jiri Zeman ao afirmar que “sem organização, sem conservação e crescimento da organização, a matéria não poderia de forma alguma existir”(1970: 157).

Ainda que sucinta, esta apresentação permite notar, como sugerido, que a importância dada à memória nestes diferentes estágios não esteve ligada à uma concepção una, mas sim aliada ao modo como respondeu às variadas formas como as sociedades buscaram narrativizar e espacializar seu passado. Estas compreensões, fundamentalmente ligadas ao sagrado, ao social, à subjetividade e ao arquivo, demonstram que sua atuação constituiu-se como um projeto no qual o homem buscou garantir a seguridade de suas informações e que neste processo a memória passou por uma gradativa racionalização na maneira como foi observada.

Memória, Cultura e Comunicação

*Urge saber que as imagens são nossos olhos, passados, presentes e futuros.
Olhos da história, roupas da história.
Roupagens e montagens de tempos anacrônicos, de vivências presentes, de
sobrevivências, de ressurgências, de tantas outras memórias (individuais e
coletivas).
Pensar deste modo as imagens como um lugar de saber, um lugar de memória,
um lugar de desejos, de fantasmas e de sonhos, um lugar de questionamentos, de
razões e de desrazões.
Lugares dentro dos quais, escrevemos nossa própria história.
Etienne Samain*

As sensações estimuladas por Etienne Samain (2011) expressam alegoricamente as muitas possibilidades de que a experiência mnemônica é capaz de suscitar, vistas até aqui por meio de algumas de suas faces, que a denotaram em sua lacunosidade e transitoriedade de sentidos. São percepções tidas pelo autor ao final de um texto, em que se dedica a aprofundar um amplo pensamento sobre memória, o de Aby Warburg (2013; 2008). Reconhecido por suas importantes contribuições nos campos da Arte e da Cultura, Warburg formula, no início do século XX – justamente no período em que os estudos sobre memória ganham grandes avanços –, diversas ideias capazes de demonstrar a importância das Imagens e da Memória para o ser humano.

Nos seus dois grandes projetos, Warburg faz menção ao nome de *Mnemosyne*, evocando essa força que, por meio das imagens, é capaz de tocar na profundidade do ser. Em seu Atlas de Imagens *Mnemosyne* (*Der Bilderatlas Mnemosyne*), Warburg defendia que as imagens possuem uma “pós-vida” (*Nachleben*), permanência que transporta sua força, sua “fórmula de *pathos*” (*Pathosformel*), de uma cultura e de uma época para outra. As imagens, assim, ocupam lugar privilegiado ao suscitar motivações psíquicas que se remobilizam em função de novos contextos, sendo por isso articuladoras e propulsoras de memória. Essa dinâmica foi demonstrada também na Biblioteca Warburg de Ciência da Cultura (*Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg*), que continha em sua entrada a referência à deusa grega, e onde Warburg estabeleceu um sistema de organização dos saberes⁹ que estavam em movimento e mudanças constantes, segundo a “lei da boa vizinhança”.

⁹ A organização de Warburg partia da *Imagem* (*Bild*), para se chegar à *Ação* (*Aktion*), e em seu intermeio estariam o segundo e terceiro níveis, respectivamente as seções da *Palavra* (*Wort*) e da *Orientação* (*Orientierung*).

Nestes dois projetos, a teoria warburgiana comprova que a memória não se estabelece por meio de ordenações, mas sim de vínculos. Suas variadas manifestações a evidenciam como um “lugar de pensamento” (*Denkraum*), como referido pelo autor, alheia a uma conclusão, mas sempre presente como arena de questionamentos do humano. Norval Baitello (2004), ao aprofundar essas ideias, esclarece como a memória se insere nestas motivações:

Desde sempre a cultura humana, por sua dupla natureza, de memória e de sonho, se construiu paradoxalmente. Regida pela lei da cumulatividade, sobrepõe imagens e textos sobre os já existentes de maneira a fazer as camadas arcaicas transparecerem sempre na face das novas. A cumulatividade não soterra o passado, mas o resgata, arqueologicamente. Igualmente regida pela lei da retroatividade, a cultura projeta sobre todo o seu *corpus* ou acervo aquilo que futurologicamente encena, sonha, idealiza, deseja, anseia. Assim, a cultura é paradoxal porque nela o arcaico se projeta no futuro e o futuro se “retrojeta” sobre o arcaico, inseminando toda a memória com o sonho e os projetos e inseminando igualmente os sonhos com matrizes arcaicas (Baitello, 2004, p.20).

A memória, desse modo, confirma-se como elemento primordial da cultura, pois, por meio dela, passado e presente se intercambiam, dinamizando-a com significados e vinculações essenciais ao modo como o homem nela se insere. Por essa razão, Vilém Flusser a evidencia como condição *a priori* da própria comunicação humana, definida por ele como “o processo graças ao qual informações adquiridas são armazenadas, processadas e transmitidas” (2014, p. 45), quando elabora as bases de sua Comunicologia. Descrição a princípio simples, se não fosse a reversão feita por Flusser de que a comunicação não se estabelece a partir dos modelos funcionalistas de transmissão, mas como projeto que inclui outras duas etapas, a conservação e a elaboração desses conteúdos, que só então serão emitidos.

De acordo com esse pensamento, que recorrerá a uma das máximas judaicas de que o homem sobrevive somente enquanto estiver na memória dos outros¹⁰, Flusser centra esse ser em completa dependência dos vínculos que possui e de como será lembrado por isso. A memória, nessas condições, reflete um anseio profundo de permanência física ou simbólica da vida. Aspiração que responde, em diálogo com as análises de Cassirer (2004), à consciência

¹⁰ “We shall the survive in the memory of others” é o título de um conjunto de falas de Flusser, feitas em vídeo e compiladas em um DVD com o mesmo nome. Nelas, Flusser, sob diferentes perspectivas, trata da memória como formadora da codificação humana, separadas entre imagem, texto e imagem técnica.

primordial da morte e ao propósito contranatural de vencibilidade do tempo. O Outro¹¹, a quem o homem se projeta, é aquele que legitima sua imortalidade e que confirma a vitória sobre a força entrópica vinda da Natureza.

Considerando a expansão e a complexificação da linguagem e dos suportes mnemônicos, tal como tratado, Flusser sinalizou uma clara relação entre esses avanços e as compreensões de mundo tidas pelo homem e percebeu que esse processo se acentuou em três principais momentos: o armazenamento mítico, determinado pela cultura oral; o armazenamento mágico, manifestado na cultura material dos objetos detentores de memória; e no armazenamento historiográfico, figurado na escrita e na busca por transpassar os problemas ligados à efemeridade que os dois anteriores possuíam.

Desse modo, confirma-se com esse pensamento que as trajetórias traçadas anteriormente podem ser observadas a partir de uma perspectiva cultural e comunicativa mais ampla. Nela, não se procura encontrar na memória uma significação unívoca, mas avistá-la como manifestação que sinaliza as diferentes percepções tidas pelo homem e os modos com que se preocupou em conservar e transmitir os saberes.

Próprio da sua ambivalência, a memória tida como fim por meio da conservação e do armazenamento tem implicada também a convivência com o pressuposto da finitude, que se manifesta em um profundo sentimento fóbico, como lembra Baitello (2005). Um desespero e uma exaustividade manifestada tanto no âmbito individual (Izquierdo, 2010), quanto no social (Ricouer, 2007), como no cultural (Ferreira, 2003), mas que ainda assim, segundo Flusser, será o maior projeto já criado pelo homem.

Todos os nossos edifícios cairão em ruína, todos os nossos livros, quadros e composições musicais estão condenados ao esquecimento, e provavelmente numerosas culturas inteiras do passado desaparecem sem deixar traço. A tendência entrópica do mundo é obviamente mais poderosa que a deliberação negativamente entrópica humana. No entanto: declarar a guerra ao absurdo do mundo é a dignidade humana (Flusser¹² s/p).

¹¹ Em texto publicado em 1982 na revista Shalom, Flusser aprofundará o provérbio talmúdico, “Ame ao teu Outro como a Ti Próprio”, comparando com a assimilação cristã e refletindo sobre suas diferenças, demonstrando o abismo que marca as relações humanas, com base neste mistério que é o Outro.

¹² Esse trecho se encontra no texto “Memória”, cuja localização no Arquivo Flusser São Paulo é [SEM REFERENCIA]_2683_MEMORIA [V.2].

Responde-se, assim, às razões que fazem com que a memória detenha tamanha importância nas reflexões sobre o homem, pois sendo ela a força motriz de sua dignidade, sua significação não se encontra nas especificidades conceituais, mas na profundidade do ser. É promotora de paixões (*pathos*) (Bordelois, 2007), tanto pelo que inspira como pelo que faz padecer. E, não sem justificativas, foi tantas vezes vista como um lugar idealizado – um *topos* –, como pondera Weinrich (2001, p. 150) ao ver que todo intento mnemônico guarda consigo um contorno utópico e político¹³.

Contudo, sob esses contornos, perceptíveis no plano da cultura, as manifestações de memória têm encontrado na atualidade alguns adicionais para seu estabelecimento, tal como o cenário hipervalorizado gerado pelo avanço eletrônico que oferece a administração dos conteúdos e o triunfo sobre o perecimento. É o que observa Flusser quando afirma que essa situação faz nascer um novo fenômeno mnemônico, com outros códigos capazes de transformar as consciências e os modelos de pensamento desta sociedade. Para ele, essa situação recai sob dois caminhos: o da extrema redundância informativa ou o da “desideologização” da memória, que permitirá a plena criatividade humana. A eficácia de um ou outro dependerá do modo como as memórias antecedentes se revelam, pela maneira como se precipitam sobre este momento e pela forma como o homem a elas se sujeita, ou seja, em como a cultura atua neste cenário.

Referências

Baitello, N. (2012). *O pensamento sentado*. Sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos.

_____. (2010). *A serpente, a maçã e o holograma*: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus.

_____. (2005). *A era da iconofagia*. Ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker Editores.

_____. (2004). O espírito do nosso tempo: o presente crucificado. In: CONTRERA, Malena Segura; GUIMARÃES, Luciano; PELEGRINI, Milton; SILVA, Maurício Ribeiro da. (Orgs.). *O espírito do nosso tempo*: ensaios de semiótica da cultura e da mídia. São Paulo: Annablume; CISC, 2004.

¹³ Como complementa Jerusa Pires Ferreira (2003), dimensão essa que evidencia a memória como um ato político, pois é a partir dela que o homem atua em sua cultura, ao se apropriar de sua realidade e de sua existência com os demais.

- Benjamin, W. (1995). *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense.
- _____(1994) *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Bergson, H. (2011). *Memória e vida*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Bloch, M. (2002). *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Petrópolis: Zahar.
- Bordelois, I. (2007). *Etimologia das paixões*. Rio de Janeiro: Odisséia Editorial.
- Borko, H. (1968) Information science: what is it? *American Documentation*, Chicago, v.19, n.1, p.3-5, jan. 1968.
- Brandão, J. (2002). *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes.
- Capretini, G.; Ferraro, G. (1987). *Enciclopédia Einaudi: mythos/logos - sagrado/profano*. Ruggiero ROMANO (dir.); Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- Cassirer, E. (2004). *A filosofia das formas simbólicas*. Martins Fontes: São Paulo.
- Commelin, P. (2011). *Mitologia grega e romana*. São Paulo: WWF Martins Fontes.
- Ccontrera, M. (2010). *Mediosfera: meios, imaginários e desencantamento do mundo*. São Paulo: Annablume.
- Damasio, A. (2000). *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das letras.
- Eliade, M. (2013). *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva.
- Ferreira, J. (2003). *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia: Ateliê Editorial.
- Flusser, V. (2014). *Comunicologia: reflexões sobre o futuro. As conferências de Bochum*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____(2010). *A Escrita. Há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume.
- Freud, S. (1996). Uma Nota Sobre o Bloco Mágico. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol XIX . Rio de Janeiro: Imago Editora.
- _____(1989). *Lembranças encobridoras*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gagnebin, J. (2009). *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais.
- Herschel, A. (1995). *A passion for truth*. New York: Jewish Lights Publis.
- Houaiss, A. (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Izquierdo, I. (2010). *A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent.

- Lerou-Gourhan, A. (2002). *O gesto e a palavra*. Lisboa: Edições 70.
- Luria, A. (2006). *A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória*. São Paulo: Martins Fontes.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História* 10. São Paulo: EDUC.
- Pomian, K. (1993). *Enciclopédia Einaudi 29. Tempo/Temporalidade*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda.
- Ricoeur, P. (2010). *Tempo e Narrativa. Vol. I A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- _____ (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp.
- Rossi, P. (2010). *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: Unesp.
- Samain, E. (2011). As “Mnemosyne(s)” de Aby Warburg: Entre Antropologia, Imagens e Arte. *Revista Poiésis*, n 17, p. 29-51, Jul. de 2011.
- Siwinski, W. (1993). *Acumulação. Einaudi 40. Capital*. Lisboa: Casa da moeda.
- Terdiman, R. (1993). *Present Past*. New York: Cornell University.
- Vernant, J. (2012). *Mito e religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. (1987) *Lectures on Psychology. The collected works of L.S. Vygotsky. Vol.I. Problems of General Psychology*. New York: Plenun Press.
- Warburg, A. (2013). *A renovação da Antiguidade pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- _____ (2008). *El ritual de la serpiente*. Madrid: Sexto Piso.
- Weintich, H. (2001). *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Yates, F. (2007). *A arte da memória*. Campinas: Ed. Unicamp.
- Zeman, J. (1970). O Significado Filosófico da Noção de Informação. *O Conceito de Informação na Ciência Contemporânea: colóquios filosóficos internacionais de Royaumont*. Rio de Janeiro: Paz & Terra. p. 154- 179, 1970.